
**A FUNDAMENTAL NECESSIDADE DE CAPACITAÇÃO DO AGENTE DE
SEGURANÇA PÚBLICA NO USO DA LANTERNA EM BAIXA
LUMINOSIDADE**

James Alves da Rocha Filho

jamesvemcomigo@hotmail.com

Licenciado em Química Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Enio Bolivar de Albuquerque

swatenio@gmail.com

Bacharel em Direito - FAL

Carlos José Azevedo Santos

Azvdo57@hotmail.com

Bacharel em Ciências Econômicas - UFAL

RESUMO

O presente artigo traz à tona a importância do uso da lanterna como equipamento policial indispensável ao trabalho, capacitando o profissional da segurança pública com o “método Bolivar”¹ de uma maneira diferenciada para lidar com a baixa luminosidade, mostrando de forma real como se comporta o indivíduo diante do escuro, com seus principais erros e limitações naturais, como também minimizar os riscos do policial com o incremento de táticas e técnicas diferenciadas na condução do combate a criminalidade em situações de *low light*². Com base em obras literárias nacionais e internacionais, Conhecendo o olho humano em contato com o escuro, e como nossos policiais são treinados para este tipo de situação, enfatizando o uso e o treinamento com a lanterna, sugerindo uma metodologia voltada para o condicionamento com *stress* motivado e progressivo em operações de *low light*.

Palavras-chave: baixa luminosidade; condicionamento; escuro; lanterna; policial.

METHOD BOLIVAR: A VISION TRAINING DIFFERENTIATED LOW LIGHT

ABSTRACT

This article brings out the importance of using the flashlight as an essential equipment to the police work, enabling the law enforcement public in a different way to deal with low light. Showing, in a real way, how the individual behaves in the dark, with its main natural limitations and mistakes, as well as minimizing the risk of the police in the increment of different tactics and techniques when combating crime in low light situations. Based on national and international sources: FLORES, Erico Marcelo, 2006 and LAWRENCE, Erik, 2009. By Knowing how the human eyes reacts in contact with

¹ Método Bolivar: Forma diferenciada do treinamento em situação de baixa luminosidade aplicada no Curso de Operações em Baixa Luminosidade da Polícia Militar do Estado de Alagoas.

² Low light: Baixa luminosidade.

the dark, and how our police are trained for this kind of situation , emphasizing the use and training with the flashlight , suggesting a methodology focused on preparing how to deal with stress provoked in different levels during situations in low light stress .

KEYWORD: flashlight; low light; police; conditioning.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade espera por resultados das forças policiais de segurança pública. A criminalidade está presente no dia a dia dos cidadãos e das instituições que fazem parte do aglomerado responsável pela manutenção da ordem pública no país. Se de um lado temos a população vítima de atos criminosos, do outro temos as polícias com seu mister de combater este mal.

As pessoas almejam policiais bem preparados taticamente e tecnicamente para que possam ser protegidos de ações marginais. Entretanto isto requer uma formação dos servidores policiais com o máximo de qualidade. Polícias bem treinadas terão maior probabilidade de resultados favoráveis nos confrontos com a bandidagem. Há de se ressaltar que estas respostas não podem, nem devem, ser dadas a qualquer custo. As garantias fundamentais e o respeito à dignidade humana com a preservação da integridade física das pessoas estarão sobrepostos as ações policiais. De acordo com BETINI, Eduardo Maia e DUARTE, Claudia Tereza Sales (2013),

O uso da lanterna tática pelos profissionais de segurança deve ser cada vez mais estimulado. Trata-se de um equipamento fundamental para segurança do profissional, além de proporcionar várias combinações táticas para uso com os mais diversos tipos de instrumentos, sejam estes letais ou de menor potencial ofensivo. (BETINI, E. M. e DUARTE, C. T. S. 2013, p. 260).

Ao tratarmos do tema *Low Light* nas formações policiais ou militares, vemos que ainda não temos trabalhado situações reais, perigosas ou inusitadas. Dizemos isto, pois, nas formações de nossos soldados, sejam eles policiais militares ou militares de forças armadas e também nas polícias judiciárias em suas formações de agentes, delegados e escrivães, o assunto não é abordado. Esta é uma preocupação que não podemos deixar de dar sua real importância. Como cobrar destes profissionais atitudes e procedimentos, se não os capacitamos devidamente?

Podemos imaginar uma ocorrência, na qual um possível agressor adentra num ambiente com pouca ou nenhuma iluminação, e nosso agente público de segurança tem que entrar neste ambiente com o objetivo de capturar ou neutralizar o agressor. Sabendo que mesmo possuindo uma lanterna, apesar de na maioria das vezes nossos policiais não a possuem, sem as táticas e técnicas adequadas para o uso da lanterna neste tipo de ambiente, de nada adiantará ele possuir uma lanterna e ainda estará correndo grave risco de vida.

Não é tão simples quanto parece, acender uma lanterna e adentrar em ambiente hostil, não é das melhores alternativas tecnicamente falando, visto que um feixe de luz aceso serve sim para iluminar algum caminho a ser percorrido ou talvez para buscar

algo perdido, mas tornará também o operador um alvo em potencial.

Precisamos sim capacitar cada membro da segurança pública com o que há de mais moderno em termos de técnicas e táticas com o uso da lanterna em situações de baixa luminosidade, capacitando o homem, o mesmo tornar-se-á um multiplicador e fortalecerá cada vez mais a doutrina, sendo capaz de salvar vidas e poupar inocentes.

O escuro já é inóspito por natureza, nos transmite incertezas e insegurança e nos faz imaginar inúmeras situações difíceis. Ao pensarmos em escuro logo nos vem á mente a noite, embora, boa parte das ocorrências com troca de tiros e vítimas fatais ocorra no período noturno, compreendido da 18h as 06h, a baixa luminosidade não significa necessariamente o horário noturno.

Observando nossos mais variados tipos de edificações, diferentemente de outros países em que as construções seguem uma padronização de portas, janelas e estruturas, aqui no Brasil vamos encontrar, portas de madeira, ferro, ferro com vidro, madeira com vidro, com grades pelo lado de fora, com grades pelo lado de dentro, com dois compartimentos abrindo embaixo e em cima com as janelas também não é diferente, o que vem a ser um complicador para as operações policiais.

Com todas estas adversidades ainda temos os obstáculos naturais que somados aos físicos contribuem para aumentar o risco. Falamos desta forma porque mesmo pelo dia iremos encontrar várias situações envolvendo *Low Light*. Basta observarmos que dentro dos cômodos quer sejam em residências ou em barracos nas favelas³, é comum encontrarmos locais com escuridão total ou parcial como exemplo: porões, sótãos, janelas fechadas com cortinas.

A incidência destas situações indubitavelmente nos conduzirá ao recurso da lanterna. É prudente que antes do operador de segurança pública ter contato com as técnicas e táticas em baixa luminosidade, ele adquira o conhecimento da fisiologia do olho humano. Saber como se comporta o olho humano ao escuro é de suma importância para que o desenvolvimento do programa de treinamento funcione.

1. NOÇÕES SOBRE O OLHO HUMANO E A ESCURIDÃO

Sabe-se que o olho humano é parte fundamental para o desenvolvimento da espécie e, a escuridão é o momento sem luz onde nossos medos afloram. Se nosso olho não funciona bem, até mesmo na claridade teremos dificuldade para visualizarmos objetos ou pessoas. Com o escuro esta situação tende a agravar-se.

Para entendermos nossos medos da escuridão, é preciso algumas noções de como funciona nossa visão e como se comporta o ser humano na presença do escuro. Trazendo à tona alguns aspectos que corroboram para o a compreensão dos fenômenos desencadeados pelo sistema nervoso quando envolvidos em situações de baixa luminosidade.

A fisiologia do olho humano amplamente disponibilizada em livros e *sites* sobre o assunto, nos fornece uma noção basilar de como funciona nossa visão quando em contato com o escuro ou mesmo com iluminação.

O olho humano possui dois tipos de células responsáveis por nos fazer enxergar: os cones e os bastonetes. Os bastonetes são células que necessitam de pouca luz para serem

³ Favelas: típicas edificações de morros e grotas situados na periferia, onde os índices de criminalidade são maiores.

sensibilizadas. Entretanto não conseguem formar imagens coloridas ou nítidas. É por isso que à noite ou em locais escuros é muito difícil se distinguir cor. Já os cones, são sensibilizadas com uma quantidade grande de luz e geram as imagens nítidas e coloridas. Existem 3 tipos de cones, os azuis, os vermelhos e os verdes. (Disponível Em: <<http://umpoucosobrecor.wordpress.com/como-o-olho-enxerga-a-cor>>. Acesso em 05 de maio de 2014.)

Neste aspecto o que mais nos trará interesse é o processamento das informações recebidas pelo olho, e como isso se verifica na consumação do ato – momento de primeiro contato do olho com o escuro - Em contato com o escuro nossa visão terá que ter ajuda dos bastonetes, mas a nitidez estará prejudicada, além do fato de que nosso olho precisará de certo tempo para se acostumar com a condição de pouca luz.

Isto de alguma forma deve ser explorado, para que possamos utilizar o escuro em nosso favor. O escuro deverá ser vencido com luz, tática e técnica principalmente. Se existe no ambiente sem luz uma ameaça, provavelmente estará ambientada a condição de *Low Light*. Resta então contaminar este ambiente com muita luz, de forma inteligente e eficaz.

2. FALHAS HUMANAS MAIS COMUNS COM AMBIENTES DE BAIXA LUMINOSIDADE

Conforme FLORES, Erico Marcelo e GOMES, Gerson Dias (2006, p.87),

A maioria dos confrontos envolvendo agentes policiais e agressores armados, ocorre durante a noite, em ambientes urbanos. Com a noite, as condições de luminosidade prejudicam a identificação do alvo agressor, a antecipação de sinais de perigo ou de risco, e a visualização do aparelho de pontaria da arma. Com isto, aumentam as chances do policial cometer um erro de julgamento ou de avaliação da ameaça. Torna-se indispensável a utilização de equipamentos de iluminação para apoiar as abordagens, tais como lanternas e miras especiais.

O ambiente mal iluminado, com baixa luminosidade ou sem iluminação torna-se uma ameaça para qualquer tipo de pessoa. Quer pela sua própria característica física, como também por ser local propício a práticas de delitos. É como se os olhos fossem vendados e tivéssemos que caminhar ou entrar em algum local, o anormal seria conseguirmos não esbarrar em alguma coisa, dada a dificuldade em não enxergar o que esta a nossa frente.

Ao trazermos esta realidade para os agentes da segurança pública é notória a mesma dificuldade para atuarem em situações semelhantes. As falhas humanas possíveis de acontecer em baixa luminosidade, se potencializam ao serem efetuadas pelos operadores de segurança.

Dentre as falhas mais comuns praticadas em ocorrências policiais, algumas merecem destaque para que não sejam cometidas. A iluminação nas costas ou a retro-iluminação é uma situação muito comum de acontecer. Ao acionar uma lanterna o

combatente (membro das forças armadas ou policiais) deve ter o cuidado de não fazê-lo quando tiver um companheiro a sua frente. Isto será o suficiente para que a posição do policial que esteja a frente do feixe de luz seja revelada, e pior, que sua silhueta seja projetada permitindo assim a ação de um agressor.

Outra falha muito corriqueira também ao trabalharmos em condições de *Low Light*, poderíamos chamar de telegrafar movimentos (mostrar os movimentos e/ou deslocamentos pela sombra de luz produzida). É muito comum acionarmos a lanterna adentramos num ambiente sem apagar a luz da lanterna. Esta atitude instantânea e emocional em acionarmos luzes quando nos encontramos em ambientes de baixa luminosidade poderá ocasionar consequências graves.

O ponto de luz aceso entrando em determinado cômodo, será avistado com facilidade por qualquer pessoa que se encontre dentro daquele ambiente, e com isto uma possível ação seria desencadeada na direção do foco de luz. Como também todos os movimentos e deslocamentos seriam identificados com facilidade. A postura de prevenção que deveria ser adotada, nem sempre é levada em consideração. A saber, não tratarmos os buracos escuros visualizados dentro dos ambientes como ameaças em potencial, isso poderá gerar um dano. Este tipo de falha normalmente pode acontecer por negligência⁴, imperícia⁵ ou imprudência⁶.

Outra falha ao trabalhar em ambientes de baixa luminosidade, que poderá comprometer o resultado é o “efeito relógio do sol”⁷. Quanto mais técnico for o trabalho executado pelo policial, maiores as probabilidades de sucesso nas operações. Ao empunhar seu equipamento, neste caso a lanterna. O operador deverá ter o cuidado ao aproximar demais sua lanterna de portas. Ao acionar o dispositivo de luz, utilizando-se das técnicas conhecidas, o foco deverá estar voltado para dentro do ambiente revistado, evitando paredes e caixas das portas (parte de madeira que envolve a porta). Quando o feixe de luz incide nas caixas de portas e paredes, será gerado um reflexo semelhante ao relógio do sol, identificando de certo modo sua localização e deslocamento.

3. MÉTODO BOLIVAR (EM OU SM)

Após vários anos estudando o comportamento do ser humano ao escuro, seja em situações do cotidiano ou em situações de extremo estresse; depois de ter treinado com as mais variadas técnicas e táticas em baixa luminosidade em algumas *SWAT* americanas (armas e táticas especiais), também trabalhando, desenvolvendo e aplicando treinamento e cursos em baixa luminosidade para profissionais de segurança pública. Observou-se que era preciso algo mais para vencer no escuro minimizando os riscos para o policial.

O operador de segurança pública ao se deparar com as diversas situações envolvendo baixa luminosidade carregará consigo alguns obstáculos a serem enfrentados além do medo natural do escuro peculiar ao ser humano que receia em enfrentar o que não enxerga. O homem é um ser dotado da capacidade de adaptar-se a qualquer ambiente. Seja no frio, calor ou mesmo no escuro. Mas o escuro nos traz

⁴ Negligência: desleixo, descuido, desatenção, menosprezo, indolência, omissão ou inobservância do dever, em realizar determinado procedimento, com as precauções necessárias.

⁵ Imperícia: falta de técnica necessária para realização de certa atividade.

⁶ Imprudência: falta de cautela, de cuidado, é mais que falta de atenção, é a imprevidência a cerca do mal, que se deveria prever, porém, não previu.

⁷ Efeito relógio do sol: efeito produzido pelo reflexo da luz incidindo em superfícies sólidas.

algumas características temerosas. Na escuridão não podemos perceber o que esta ao nosso redor, fazendo com que tenhamos que utilizar outro sentido, além da nossa visão – auditivo – a incerteza do que está a nossa frente, lados ou retaguarda nos deixa acuados, na incerteza do que poderá acontecer e com forte receio em prosseguir. Segundo LAWRENCE, Erik e PANNONE, Mike (2009),

O manuseio da arma, tiro, mentalidade - tríade para o combate - o que realmente é a mentalidade? É um estado de espírito que garante a sobrevivência em um tiroteio ou em uma crise de ameaças de vida. A espinha dorsal da mentalidade de combate é a essência do auto-controle. Certamente há alguma sobreposição com os elementos da tríade para o combate desde destreza e pontaria são pré-requisitos para a confiança, e a confiança é um pré-requisito para o auto-controle. No entanto, para o auto-controle usado no combate, a mentalidade, sensibilidade, antecipação e concentração são requeridos. (LAWRENCE, Erik e PANNONE, Mike, 2009, p. 17).

A rotina do serviço diário contribui para que o profissional de segurança se acomode e perca inclusive a motivação. Ao incluirmos nos programas de treinamento continuado o operador de segurança, isto fará com que seu auto estímulo se renove, que ele traga para o treino, novas experiências vivenciadas, que servirão inclusive para aprimoramento dos exercícios praticados.

O operador estará sempre trabalhando sua mente para essas situações, exercitando seu controle emocional na busca do acerto, e a cada acerto servirá de base de fortalecimento do aprendizado, fazendo com que confie em suas técnicas no cumprimento da lei.

O condicionamento tem se mostrado cada vez mais forte nas ações pensadas e planejadas. Com base nos estudos de Burrhus Frederic Skinner sobre condicionamento operante, no qual os estímulos produzidos geram uma consequência e esta consequência afeta a sua probabilidade de ocorrer novamente, o qual segundo LAWRENCE, Erik e PANNONE, Mike (2009),

As vantagens são que lanternas de luz branca estão disponíveis para todos, de baixo custo e de fácil manutenção. Você não precisa comprar a maior ou melhor lanterna, mas você deve comprar uma segura e tê-la com você quando você precisar dela. (LAWRENCE, Erik e PANNONE, Mike , 2009, p. 242).

Quando pensamos em investimentos para segurança pública, observamos o quanto é viável e simples adquirirmos estes equipamentos para as instituições, comparados aos benefícios que podem ser obtidos na sua utilização. Um equipamento de tão baixo custo e com tamanha necessidade e eficiência.

A lanterna possui a capacidade de incapacitar sem agredir, sendo dentre os equipamentos policiais para uso direto o único com a real denominação – não letal – com um fator a mais, o da redução de mortes de policiais, por não estarem com o equipamento ou mesmo por não saberem utiliza-lo de maneira correta. É o equipamento policial dito legalmente correto, dentro do que preconiza o uso diferenciado da força.

Os condicionamentos gerados através do método Bolivar esperam alcançar que o policial esteja sempre com no mínimo duas lanternas. As lanternas são alimentadas por baterias, se estas acabam sua carga de energia, teremos que possuir por obrigação uma segunda lanterna em condições de uso, chamada de lanterna de backup⁸.

As táticas e técnicas aprendidas deverão estar sendo praticadas no mínimo uma vez por mês com duas horas de duração. Esta prática funcionará como condicionamento, potencializando a memória muscular do operacional. Recomenda-se que os treinamentos sejam realizados sempre com o acompanhamento de pelo menos uma pessoa e que possua as mesmas habilitações no assunto para que sejam efetuadas as possíveis correções.

Dentro ainda do que preceitua o método, o estresse motivado será um dos pontos fundamentais nos condicionamentos a serem trabalhados. Normalmente nas ocorrências pelo dia, com iluminação normal, os níveis de estresse são altos, mas quando as ocorrências acontecem no período da noite ou mesmo em locais com baixa luminosidade ou nenhuma luz, a tendência natural é que o nível de estresse aumente.

Isto atua decisivamente nos resultados, operando também no sistema nervoso central com influencia direta nossas percepções visuais. Nos treinamentos estaremos fomentando o condicionamento do policial, aplicando exercícios e trabalhos com estresse motivado. Trabalhando conjuntamente percepção audiovisual, física e cognitiva de resposta rápida e pensada.

O objetivo deste trabalho é que possamos chegar o mais próximo do estresse ocorrido em situações reais. Além da criação de cenários com ambientes e progredindo da luz para a pouca luz até chegar numa ambientação com nenhuma luminosidade. Comporá também como parte da formação do condicionamento o treinamento de equipes contra equipes inserindo planejamento tático e tarefas de memorização, com a finalidade de capacitar taticamente e tecnicamente colocando a mente em perfeita sintonia com o corpo, minimizando os riscos do policial quando em situações de *Low Light*, e capacitando o profissional de segurança para trabalhar dentro dos princípios da necessidade, legalidade, proporcionalidade, moderação e ética, sempre respeitando a dignidade da pessoa humana.

4. METODOLOGIA

Para desenvolver este estudo optamos por realiza-lo por meio da pesquisa quantitativa-qualitativa, de aspecto descritiva, tendo a análise dos dados como ponto de partida, para o desenvolvimento de nosso estudo. Para Minayo (199) a pesquisa qualitativa;

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser qualificada. Ou seja, ela, trabalha com o universo de significados, motivos, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 1996, p.22)

⁸ Backup: termo em inglês que significa cópia de segurança. Aplicado ao tema significa lanterna de reserva.

Esse tipo de pesquisa nos possibilita lançar mãos de vários procedimentos metodológicos, a fim de alcançarmos uma investigação à base da observação detalhada dos fatos a serem estudados. De modo que, recorreremos a uma pesquisa on-line através da ferramenta google Drive, com agentes de segurança pública de em vários Estados da nação, como também aplicamos a mesma pesquisa em outros países, com ênfase principalmente nos Estados Unidos, como forma de obtenção de dados relativos ao tema baixa luminosidade e seus comparativos qualitativos e quantitativos. Participaram da pesquisa 229 agentes de segurança pública, sendo 137 do Brasil e 92 de outros países, onde a faixa etária do público analisado foi quantificada a cada 05 anos de idade, e qualificada até os 40 anos de idade, que compreendem a faixa etária média do agente com menor experiência operacional para o de maior experiência.

Após a observação detalhada e relatos de experiência do público envolvidos mediante o uso de um questionário, as questões analisadas se deram por meio das percepções dos policiais entrevistados, o que nos forneceu subsídio para fundamentar o presente estudo. Segundo Viana apud Oliveira (2003), o olhar do observador deve ser controlado pois:

Apesar de se tratar de ação casual, ou seja, naturalmente somos observadores, temos que nos revestir de cuidados técnicos quando nos atribuímos a tarefa de realizar uma observação de caráter científica voltada, especificamente, para coletar dados, comprometendo a cientificidade da pesquisa. (Viana apud Oliveira, 2003, p.31).

QUANTITATIVO DE POLICIAIS MORTOS EM AÇÕES CRIMINOSAS EM LOCAIS DE BAIXA LUMINOSIDADE

Horário	Total	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Número total de vítimas	535	52	57	55	48	58	41	48	56	72	48
Total A.M. hours	235	25	20	21	17	24	24	21	23	36	24
12:01 a.m.–2 a.m.	63	5	5	4	5	13	9	3	7	7	5
12:01 a.m.–2 a.m.	38	3	2	4	4	4	4	1	4	9	3
12:01 a.m.–2 a.m.	22	4	2	1	3	0	2	2	3	2	3
6:01 a.m.–8 a.m.	23	2	0	2	2	2	0	5	2	5	3
8:01 a.m.–10 a.m.	36	6	4	5	0	1	4	8	1	3	4
10:01 a.m.–Noon	53	5	7	5	3	4	5	2	6	10	6
Total P.M. hours	296	27	37	34	30	34	17	27	33	36	21
12:01 p.m.–2 p.m.	41	6	9	1	5	6	0	5	2	5	2
2:01 p.m.–4 p.m.	44	3	4	7	4	6	4	3	4	6	3
4:01 p.m.–6 p.m.	39	7	1	4	5	2	2	3	4	8	3
6:01 p.m.–8 p.m.	49	49	49	49	49	49	49	49	49	49	49
6:01 p.m.–8 p.m.	63	63	63	63	63	63	63	63	63	63	63
6:01 p.m.–8 p.m.	60	60	60	60	60	60	60	60	60	60	60
Não foi registrado	4	0	0	0	1	0	0	0	0	0	3
Nos horários compreendidos com baixa luminosidade: tivemos 295 policiais mortos											
Obs: na maioria dos estados o horário da 06 as 08 da manha é considerado ainda de baixa luminosidade: Aumentando para 318 policiais mortos.											

Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

A faixa etária do público analisado foi quantificada a cada 05 anos de idade, e qualificada até os 40 anos de idade, que compreendem a faixa etária média do agente com menor experiência operacional para o de maior experiência:

Qual sua faixa etária:



Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

What is your age range:



Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

Ao observarmos o resultado, analisamos que o grupo de pesquisados envolvidos refere-se aos agentes do Brasil e de outros países. A faixa etária predominante dos que responderam ao questionário foi: acima de 35 anos de idade. Ficando predominante um grupo acima dos 40 anos de idade tanto no Brasil, como em outros Países.

Quando o assunto questionado tratou de averiguar o tempo médio de experiência na atividade fim.

Qual sua faixa de tempo de serviço como agente de segurança pública:



Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

What is your range of length of service as a public safety officer:



Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

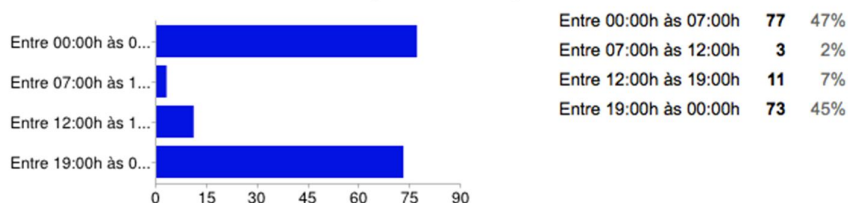
Ficou evidenciado uma diferença no questionamento sobre tempo de serviço dos agentes de segurança pública no Brasil, comparado com outros países. Temos

representado no gráfico que os agentes com até 10 anos de serviço representam 48%, e com 10 a 30 anos de serviço representam 67%, o que sugerem uma tropa apesar de experiente, está próxima da aposentadoria, já que 53% deste percentual está na faixa dos 30 anos de serviço.

Enquanto que em outros países o quadro apresenta uma característica diferente, onde 12% dos entrevistados possuem até 10 anos de serviço, e 73% tem de 10 a 30 anos de serviços prestados e com 15% temos uma faixa de agentes de segurança pública acima dos 30 anos de serviço, ficando evidenciado a relevância da experiência atuando ativamente.

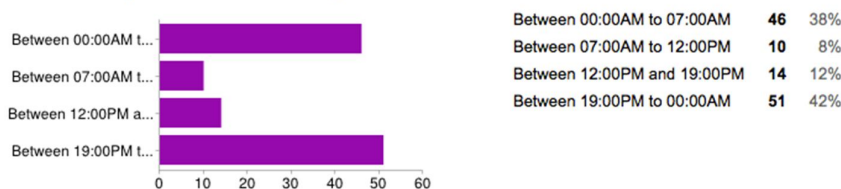
Um questionamento de vital importância para nosso assunto foi relativo ao horário considerado crítico para atuação do agente de segurança pública.

Quais horários você considera crítico para atividade policial:



Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

What time do you consider critical to police work:



Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

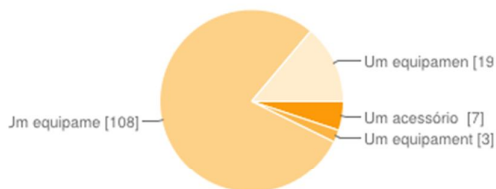
O resultado apesar de ser o esperado, reflete que de fato a opinião do agente de segurança pública sobre o assunto tanto aqui no Brasil como em outros países. Com 92% das opiniões, os agentes brasileiros que participaram da pesquisa acreditam que o horário mais crítico para a atividade policial é das 18:00h as 07:00, exatamente o período considerado de baixa luminosidade.

Na opinião dos policiais de outras nações o resultado acompanhou a tendência, com 80% das opiniões sobre o tema de que o horário crítico é compreendido das 18:00h as 07:00h. Confirmando o resultado de que trabalhar em baixa luminosidade além de ser perigoso, comporta uma grande quantidade de exposição de tempo do agente de segurança pública em situações de risco. Sendo necessário maior habilidade, treinamento, capacitação e equipamento adequado para lidarem com as eventualidades ocorridas em situação de pouca ou nenhuma luz.

Perguntado sobre como o policial classificaria a lanterna tática para uso no

serviço, ou seja a real importância deste equipamento para o desempenho da atividade policial:

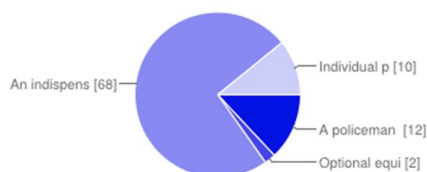
Marque a alternativa que você classificaria a lanterna tática para o serviço policial:



Um acessório policial	7	5%
Um equipamento opcional	3	2%
Um equipamento indispensável	108	79%
Um equipamento de proteção individual	19	14%

Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

Select the alternative you rate the tactical flashlight for police service:



A policeman accessory	12	13%
Optional equipment	2	2%
An indispensable equipment	68	74%
Individual protective equipment	10	11%

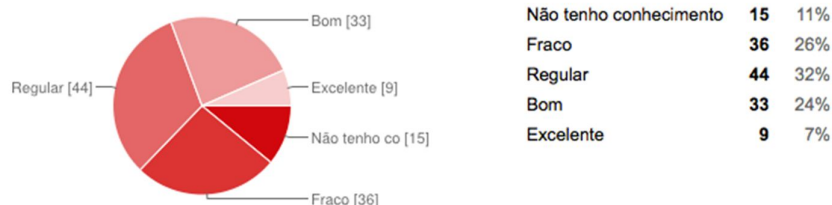
Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

As respostas foram bem incisivas, pois, 79% afirmaram ser a lanterna um equipamento indispensável para serviço policial, 14% como equipamento de proteção individual, 5% como acessório e 2% como opcional. Já a opinião de policiais de outros países afirmaram com 74%, ser a lanterna um equipamento indispensável, 13% um acessório policial, 11% um equipamento de proteção individual e 2% equipamento opcional.

Nossa análise é de que invariavelmente, a lanterna é um equipamento indispensável ao serviço policial, nada substituirá este equipamento na situação de baixa luminosidade. A lanterna tem sua real e devida importância e deve fazer parte do cinto de guarnição do policial. Com suas devidas proporções será sim, também, um equipamento de proteção individual e um acessório policial, mas como qualquer acessório poderá ser usado ou não, e está não é nossa opinião. A lanterna é um equipamento acessório obrigatório e não pode ser interpretado como opcional, sob pena de sofrer as consequências de sua falta em defesa da própria vida.

Perguntado sobre o conhecimento do operador de segurança pública, no uso da lanterna tática, obtivemos o seguinte resultado:

Como você classifica o seu conhecimento sobre utilização de lanterna tática:



Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

How do you rate your knowledge on the use of tactical flashlight:



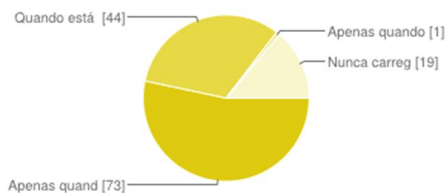
Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

Ao realizarmos um comparativo entre as forças de segurança pública do Brasil com outros países, fica claro a deficiência no Brasil para a correta utilização da lanterna em situações de baixa luminosidade. E ainda mais agravante o fato de 11% dos agentes entrevistados do Brasil, não possuem conhecimento e 26% consideram que o conhecimento que possuem é fraco. Somando isto temos 37% dos agentes entrevistados com muita dificuldade em operar com a lanterna.

Entretanto em outros países, o grau de conhecimento no uso da lanterna foi muito superior, com um percentual de 49% de bom conhecimento e 45% com excelente conhecimento. Comparados com o percentual brasileiro de 7% com nível excelente, temos um déficit muito grande no que diz respeito a conhecimento no uso da lanterna. Mesmo quando o nível interpelado foi o “regular” nosso resultado obtido não foi satisfatório, pois, o Brasil possui 32% de respostas neste sentido, enquanto que outros países apresentaram apenas 4% das respostas. Pode parecer estranho, mas este resultado apresentado pelo Brasil não reflete a melhor conduta. Já que no parágrafo anterior ficou explícito 94% somados nível bom e excelente apresentados em outros países. Isto nos faz refletir no sentido de buscarmos a capacitação neste mister, para que possamos nos igualar com outros países, nesta luta da preservação da ordem pública com respeito a dignidade humana.

Ainda buscando saber como o operador de segurança pública procede quanto ao uso da lanterna em seu cotidiano, ou seja, de certa forma como culturalmente o policial classifica a importância em estar com uma lanterna:

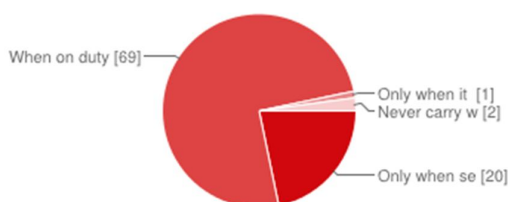
Você carrega uma lanterna tática:



Apenas quando está de serviço	73	53%
Quando está de serviço e de folga	44	32%
Apenas quando está de folga	1	1%
Nunca carrego comigo	19	14%

Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

You carry a tactical flashlight:



Only when service	20	22%
When on duty and off	69	75%
Only when it is off	1	1%
Never carry with me	2	2%

Fonte: Pesquisa através da ferramenta google drive, no período de 27/06/2014 a 01/08/2014.

Carregar uma lanterna no serviço policial parece ser uma questão obrigatória em outros países, visto que somados os percentuais das perguntas: carregar lanterna somente no serviço e carregar a lanterna de serviço e de folga. O resultado foi de 97%, com preponderância de 75% para os que carregam a lanterna no serviço e de folga. Uma amostra clara da cultura do uso da lanterna em outras nações.

No Brasil a pesar do resultado não ter sido considerado como negativo, com um percentual de 85% somados os entrevistados que carregam lanterna apenas no serviço com os que carregam no serviço e de folga. Fica então o alerta, para que haja o incremento da cultura de sempre carregar consigo a lanterna, visto que a representação do resultado foi de 32% dos entrevistados que carregam a lanterna de serviço e de folga. Existem algumas lanternas que a pesar de serem pequenas no tamanho, apresentam versatilidade no desempenho, com potência de luz aceitável, fácil portabilidade e custo baixa. Geralmente possuem um clip em seu corpo, com finalidade de serem colocadas em bolsos de calças, bermudas e camisas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos em investimentos para segurança pública, observamos o quanto é viável e simples adquirirmos estes equipamentos para as instituições, comparados aos benefícios que podem ser obtidos na sua utilização. Um equipamento de tão baixo custo e com tamanha necessidade e eficiência. A lanterna possui a capacidade de incapacitar sem agredir, sendo dentre os equipamentos policiais para uso direto o único com a real denominação – não letal – com um fator a mais, o da redução de mortes de policiais, por não estarem com o equipamento ou mesmo por não saberem utiliza-lo de maneira correta. É o equipamento policial dito legalmente correto, dentro do que preconiza o uso diferenciado da força.

O objetivo deste trabalho é conscientizar o agente de segurança pública da fundamental necessidade de capacitação no uso da lanterna em operações de baixa luminosidade, visto que, o maior número de ocorrências de grande periculosidade ocorre em situações adversas como as retrocitadas, levando o operador o mais próximo do estresse ocorrido em situações reais, de modo que consiga resolver as ocorrências diminuindo riscos e salvaguardando o maior bem tutelado pelo estado, a vida da pessoa humana. Para isso, a criação de um Curso de Low Light, se faz necessário, criando cenários com ambientes hostis e progredindo da luz para a pouca luz até chegar numa ambientação com nenhuma luminosidade, tendo também como parte da formação do condicionamento, o treinamento de equipes contra equipes inserindo planejamento tático e tarefas de memorização, com a finalidade de capacitar taticamente e tecnicamente colocando a mente em perfeita sintonia com o corpo, minimizando os riscos do policial quando em situações de Low Light, e capacitando o profissional de segurança para trabalhar dentro dos princípios da necessidade, legalidade, proporcionalidade, moderação e ética, sempre respeitando a dignidade da pessoa humana.

6. REFERÊNCIAS

FLORES, Erico Marcelo. **Tiro Policial:técnicas sem fronteiras**, Porto Alegre:Evangraf, 2006.

BETINI, Eduardo Maia e DUARTE, Claudia Tereza Sales. **Curso de UDF: Uso Diferenciado da Força**. São Paulo:Ícone, 2013.

Disponível em: <<http://umpoucosobrecor.wordpress.com/como-o-olho-enxerga-a-cor/>>. Acesso em: 05 de maio de 2014.

LAWRENCE, Erik e PANNONE, Mike. **Tactical Pistol Shooting**. 2 Ed, Wincosin: Gun Digest Books, 2009.